



**FACULDADE PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA AMAZÔNIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**EDNILZA DO PRADO SILVA BARROS
JULIANA GOMES DOS SANTOS**

**LUTO: A INTERSEÇÃO CULTURA E SUBJETIVIDADE NA VIVÊNCIA DO
ENLUTADO**

**PARAUPEBAS
2023**

EDNILZA DO PRADO SILVA BARROS
JULIANA GOMES DOS SANTOS

**LUTO: A INTERSEÇÃO CULTURA E SUBJETIVIDADE NA VIVÊNCIA DO
ENLUTADO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA), como parte das exigências do Programa do Curso para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Dionis Soares.

PARAUAPEBAS
2023

EDNILZA DO PRADO SILVA BARROS
JULIANA GOMES DOS SANTOS

**LUTO: A INTERSEÇÃO CULTURA E SUBJETIVIDADE NA VIVÊNCIA DO
ENLUTADO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA), como parte das exigências do Programa do Curso para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dionis Soares.

Aprovado em: 29 / 06/ 2023.

Banca Examinadora



Prof.º Esp. William Araújo Gomes
FADESA



Prof.ª Me. Daniela dos Santos Américo
FADESA



Prof.º Me. Dionis Soares (Representado: Prof.º Esp. Washington Moraes Silva)
FADESA
(orientador)

Daniela S. Américo
Coordenação de Psicologia

Data de depósito do trabalho de conclusão 29 / 06/ 2023



Dedicamos essa monografia primeiramente à Deus, aos nossos familiares, as memórias de Maria Aparecida e Jair que nos conduziram e motivaram chegar a conclusão desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, nosso agradecimento a Deus, por ter nos guiado durante essa jornada desafiadora, nos mantendo resilientes, perseverantes e com a fé inabalável para que nossos objetivos fossem alcançados, durante esses cinco anos de estudos.

Aos amigos, por todo o acolhimento e incentivo, aos familiares pelo apoio nos momentos difíceis, e por compreenderem nossa ausência durante esse processo de formação.

Aos professores, nosso agradecimento por compartilhar seus conhecimentos, vivências e através dos seus ensinamentos nos fazer acreditar que somos capazes de transformar sonhos em realidade.

Às pessoas e com quem convivemos ao longo desses anos de curso, que nos incentivaram e que certamente tiveram impacto positivo na nossa formação acadêmica.

Aos nossos colegas de turma, por compartilharem conosco momentos de descobertas, aprendizados, por todo o companheirismo e encorajamento ao longo deste percurso.

Agradeço a minha mãe Maria Aparecida (*in memoriam*), por ter deixado seu legado, pelo exemplo de coragem, humildade, perseverança, que com muito carinho me ensinou o caminho da lealdade, ao meu pai que nunca deixou faltar estudo para mim. Dedico ao meu esposo Erick Othon pelo incentivo e apoio diário, aos meus queridos filhos, Enzo Gabriel e Caio Othon, por serem minha fonte de força e inspiração, aos meus mestres, doutores e colegas de faculdade pelo companheirismo e incentivo diário.

Este trabalho de conclusão de curso é dedicado à minha mãe Maria da Glória, pilar da minha formação como ser humano, sua motivação diária e encorajamento foi a mola propulsora que permitiu o meu avanço, mesmo durante os momentos mais difíceis.

Honro e dedico a conclusão deste trabalho a minha amiga e companheira de pesquisa Ednilza Prado, que sempre esteve ao meu lado compartilhando sua experiência de forma construtiva.

Prestamos nossos sinceros agradecimentos e reconhecimento ao nosso orientador Dionis Soares, pois o desenvolvimento e a conclusão deste trabalho, só foi

possível através da sua dedicação e empenho em ampliar nosso conhecimento e sobretudo por toda a paciência em ter nos orientado durante esta etapa do nosso curso de graduação. Tê-lo como o orientador foi uma honra. Somos gratas pelos ensinamentos, compartilhamento e trocas. Elas foram fundamentais para o resultado desse projeto.

À instituição de ensino FADESA, fundamental para o nosso processo de formação profissional e pela qualidade de ensino.

“A morte será meu maior acontecimento individual.”

Clarice Lispector

RESUMO

Na vida, estamos sempre enfrentando perda, ganho, chegada, partida, encontro e separação, todos necessários e inevitáveis. No entanto, em algumas despedidas, separações e possíveis perdas estas são muito significativas e produzem sofrimento e mudanças psicológicas, físicas e comportamentais significativas, pois lidar com a perda requer reorganizar "nosso modo de vida", mudar nossos paradigmas e aceitar que estamos expostos. Enquanto o luto é subjetivo, as culturas transcendem essa subjetividade, diferenciando-se conforme a sociedade, religião, valores e superstições de cada família, e os rituais fúnebres são elaborados de acordo com a visão de mundo. A principal relevância deste trabalho é contribuir para a compreensão da formação da subjetividade do enlutado; encarando a morte de diferentes formas, e em diferentes culturas, articulando as práticas culturalmente previstas para o processo de enfrentamento do luto. Através deste estudo, foi possível discutir aspectos relevantes da interseção cultural na articulação do luto. O presente trabalho é uma revisão bibliográfica realizada por meio de métodos qualitativos. Por fim, cabe ressaltar que ainda que o sujeito evite a elaboração das limitações humanas, essa é a característica da trajetória de cada indivíduo, e é esse indivíduo que constitui a sociedade contemporânea. Uma sociedade que elabora a representação social atual da morte.

Palavras-chave: subjetividade, luto, interseção cultural e sociedade.

ABSTRACT

In life, we are always facing loss, gain, arrival, departure, meeting and separation, all necessary and inevitable. However, in some farewells, separations and possible losses these are very significant and produce significant suffering and psychological, physical and behavioral changes, as dealing with the loss requires reorganizing "our way of life", changing our paradigms and accepting that we are exposed. While mourning is subjective, cultures transcend this subjectivity, differing according to the society, religion, values and superstitions of each family, and funeral rituals are elaborated according to the worldview. The main relevance of this work is to contribute to the understanding of the formation of the bereaved person's subjectivity; facing death in different ways, and in different cultures, articulating culturally foreseen practices for the process of coping with mourning. Through this study, we intend to discuss relevant aspects of cultural intersection in the articulation of mourning. The present work is a bibliographic review carried out through qualitative methods. Finally, it should be noted that even if the subject avoids the elaboration of human limitations, this is the characteristic of the trajectory of each individual, and it is this individual who constitutes contemporary society. A society that elaborates the current social representation of death.

Keywords: subjectivity, mourning, cultural intersection and society.

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABNT** - Associação Brasileira de Normas Técnicas
- DSM** - American Psychiatric Association
- NBR** - Associação Brasileira de Normas Técnicas
- SciELO** - Scientific Electronic Library Online
- TCC** - Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. CULTURA E LUTO	18
2.1 O QUE É LUTO?.....	18
2.2 A MORTE COMO PARTE DA HUMANIDADE.....	21
2.3 SIGNIFICADOS CULTURAIS DE RITUAIS DE PASSAGEM DA VIDA PARA A MORTE.....	24
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	31
3.1 RESULTADOS.....	32
3.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
5. REFERÊNCIAS.....	49

1. INTRODUÇÃO

As práticas culturais relacionadas ao processo do luto é um tema que nos move enquanto pesquisadoras e futuras psicólogas. O interesse pelo estudo sobre o luto e em específico sobre as práticas culturais relacionadas a este fenômeno, essencialmente humano, teve início após contato com a disciplina Psicologia Hospitalar e a necessidade de aprofundar nosso conhecimento e desenvolver habilidades na prática hospitalar e clínica. E consideramos a oportunidade de ampliarmos nosso conhecimento para que na ocasião do exercício de nossas práticas clínicas proporcionarmos a melhora da qualidade de vida de pacientes e seus familiares diante de uma doença que ameace a vida ou de pessoas que estão vivenciando uma perda de um ente.

O processo do luto é um tema que nos uniu para construção deste projeto de conclusão de curso. Ao nos depararmos com o processo do luto na “vida real”, nos despertou a curiosidade de entender esse fenômeno enquanto acadêmicas de psicologia.

Na tentativa de uma melhor compreensão sobre esse fenômeno por nós vivenciado. As experiências que tivemos ocorreram em linhas temporais distintas, o falecimento do pai (Jair) da pesquisadora Juliana ocorreu no ano de 1992 e posteriormente a mãe (Maria) da pesquisadora Ednilza no ano de 2015, distinguindo a regionalidade, Jair faleceu em Minas Gerais e Maria no Pará.

O velório de Jair ocorreu na capela do cemitério por decisão familiar, devido a crença familiar que não deveria velar em casa, por entenderem que a alma do falecido estaria a assombrar os moradores. Ele era umbandista praticante, contudo os rituais foram sustentados pela fé católica da família, acreditava-se que a forma de conduzir sua alma no caminho de luz era através da mediação das velas acesas nos pés e acima da cabeça, praticando cânticos e rezas religiosas. Os cânticos presentes foram os hinários católicos - livro que contempla as letras de alguns cânticos católicos - um dos cânticos praticados no ritual do velório de Jair foi o “com minha mãe estarei” Peixoto (2014, p.336).

Com minha mãe estarei

Com minha mãe estarei
na santa Glória

um dia
 Ao lado de Maria
 no céu triunfarei

No céu, no céu
 com minha mãe estarei
 No céu, no céu
 com minha mãe estarei

Com minha mãe estarei
 aos anjos se ajuntando
 Do onipotente ao mando
 hosanas lhe darei

Com minha mãe estarei
 e então coroa digna
 de mão tão benigna
 feliz receberei

Com minha mãe estarei
 E sempre neste exílio
 de seu piedoso auxílio
 com fé me valerei

O velório de Maria ocorreu em sua residência por escolha de seus familiares, o fator determinante dessa escolha foi optarem por vivenciar as memórias dos hábitos que ela considerava agradáveis em vida. Os rituais fúnebres foram embasados pela religião cristã protestante. Os rituais presentes foram, arcos de flores, representa carinho pela falecida, cânticos, homenagens, houve discursos de histórias particulares de memórias com alguns dos presentes no velório.

Um dos cânticos mais presente foi o mesmo ocorrido no velório de seu Jair, “Segura Na Mão De Deus”, presente na harpa cristã – livro com letras de cânticos evangélicos, Wright (2016, p.1350).

Segura Na Mão De Deus

Segura na mão de Deus e vai
 Se as tristezas desta vida quiserem te sufocar
 Segura na mão de Deus e vai
 Segura na mão de Deus, segura na mão de Deus
 Pois ela, ela te sustentará
 Não temas segue adiante e não olhes para trás
 Segura na mão de Deus e vai

Segura na mão de Deus e vai
 Orando, jejuando, confiando e confessando
 Segura na mão de Deus e vai

Segura na mão de Deus e vai
 Jesus Cristo prometeu que jamais te deixará
 Segura na mão de Deus e vai

No momento do sepultamento as pessoas se reuniram em torno do caixão para dar o último “adeus”, foi realizado uma homenagem sobre a representatividade da falecida para com os presentes ali, logo após todos bateram palmas como forma de agradecimento por tudo que a falecida fez em vida.

As similaridades em ambos os eventos foram as palavras direcionadas aos enlutados e demonstrações de acolhimento, as palavras mais presentes, foram: “Deus sabe o que faz”, “Ele (a) já vinha doente”, “Morreu no tempo de Deus”, “Já era idoso (a)”; “acabou o sofrimento”, “ele (a) está no lugar melhor”, entre outras. Alguém já se questionou como gostaria de ser tratado em um momento fúnebre?

Ao conversar sobre o assunto de como gostaria que fosse o dia de sua morte, é normalmente ignorado, podendo ser repreendido por superstições de atrair coisas “ruins”, a seguir um breve relato sobre como foram os últimos momentos que antecederam a morte da mãe da pesquisadora Ednilza:

Após ter vivenciado os primeiros anos da morte de minha mãe, percebi que sua morte foi uma realização como ela expressava que fosse, talvez tenha sido a minha forma de elaborar o luto, vamos assim dizer, a fase da aceitação, servindo de consolo as palavras alguns vezes ditas por ela sobre sua morte: “não quero ficar invalida ao ponto que eu necessite de cuidados”, morrerá após perder quase 70 por cento de sangue do seu corpo, levantou-se da cama horas antes de morrer, tomou um banho e logo após faleceu, sempre em suas orações pedia para Deus para leva-la antes de qualquer filho (a), e Deus a levou antes de todos, morrerá lucida, se despedindo de todos os seus filhos, esposo, genros e netos. O desejo da família em prolongar sua vida, fez com que morresse em um quarto, somente com uma filha presente, talvez não tenha sido seu desejo, mas nunca foi manifestado se ela gostaria de morrer na presença de todos.

Vivenciar o luto faz parte de um processo natural, pelo qual todos estão sujeitos a passar em algum momento da vida. Embora seja subjetivo, o grau de intensidade e o quanto isso irá afetar a vida do enlutado é que irá determinar qual tipo de luto o indivíduo está vivenciando. Esse processo de “enlutar-se”, relaciona-se a um investimento afetivo e emocional, nesse sentido não é possível mensurar a intensidade do luto de uma forma geral, pois ele não é linear e nem mensurável, e sim, subjetivo, singular e individual.

Entende-se, que o luto acontece quando há um rompimento de vínculo importante, que esse processo não ocorre exclusivamente com a morte de um indivíduo, entretanto, também, com o rompimento de um relacionamento interpessoal,

seja ele, amoroso, empregatício, acadêmico, familiar, religioso, amigável, ou até mesmo uma amputação de um membro do corpo, ou um sonho não realizado, por exemplo um curso superior desejado e não concluído, podendo ser também a ação de desfazer um vínculo com objeto. O luto é principalmente a perda de uma perspectiva de vida e quanto maior a proximidade maior pode ser o sofrimento.

O luto, trata-se de um período para reconhecer e assimilar, adaptar a experiência de perda, refere-se ao processo psicológico, sendo que cada sujeito reage de forma diferente. Embora seja diferente as formas de vivência, a superação e compreensão do sentido da perda é necessário para todos os sujeitos.

A dificuldade de pensar sobre a morte ocorre sistematicamente, lidar com a perda gera angústia e medo e a forma mais adequada para encarar essa angústia e sofrimento e negando a percepção do fim, esse descontentamento ultrapassa o âmbito individual, alcançando também a esfera coletiva ou social. Advém do processo de negação, ocultação e instituição da finitude, que as elaborações do luto acabam tornando-se complexas, onde os enlutados não podem falar, manifestar ou expor seus sentimentos.

Com este estudo, discutiremos aspectos relevantes sobre interseção cultural na elaboração do luto. Embora o luto seja subjetivo, a cultura atravessa essa subjetividade, diferenciando de acordo com a sociedade, a religião, os valores e superstições de cada família, os rituais fúnebres serão elaborados conforme a visão de mundo.

Este trabalho tem como principal relevância, apresentar contribuições para o entendimento sobre a formação da subjetividade do enlutado; nas diferentes formas de encarar a morte, em distintas culturas, relacionando as práticas oferecidas culturalmente para o processo de enfrentamento do luto.

Através da questão problema: como a cultura contribui para a formação da subjetividade do enlutado? Definiu-se como o objetivo principal dessa pesquisa: contribuir com levantamentos de teóricos sobre o tema, como a cultura contribui na elaboração do processo de luto, auxiliando na construção de um significado ao enlutado. Além disso, investiu-se também, compreender as diferentes formas encarar a morte em determinadas culturas; pontos de identificação das interseções da cultura para formação da subjetividade da elaboração do luto e a visão de algumas abordagens no que se refere a subjetivação do luto.

Para o alcance desses objetivos, realizou-se uma revisão de literatura sobre a referida temática: A elaboração cultural do luto por morte na formação da subjetividade do enlutado. Foi de grande relevância o estudo de literatura, gerou-se provocações sobre o que realmente pretende-se expor para o leitor, essa revisão tem como objetivo transmitir para o interlocutor uma ideia clara, que seja bem recebida de forma que venha testar os resultados, abrindo novas visões sobre o tema.

2. CULTURA E LUTO

As condutas e as reflexões sociais frente a morte têm tido diversos aspectos no decorrer da história. Um dos temas mais contestável e mais delicados na história cultural da humanidade. A vida está propriamente conectada com o significado que atribui ao morrer. O luto é uma fase para o entendimento do homem, pois o indivíduo tende a se reconhecer somente a partir da aceitação de sua finitude. A elaboração do luto está em modificação constante pelo tempo. Embora o momento de um enlutado seja único, por vezes não sendo parte das preocupações coletivas, tornando-se as vezes discreto na sociedade.

No decorrer dessa pesquisa, discorreremos sobre a conceituação, os estágios do luto, a subjetivação diante da interseção cultural e algumas informações que você talvez ainda não tenha ouvido falar, mas que podem contribuir a entendimento e a superação essa vivência.

2.1 O QUE É LUTO?

O conceito de “luto” seguramente está associado ao processo subsequente a morte de um ente querido. Contudo, quando nos deparamos com o fim de um relacionamento, quando vivenciamos perda de um emprego ou o crescimento dos filhos, estamos do mesmo modo a falar de luto, ou seja, toda finalização de um ciclo, pelo qual o indivíduo passou ao longo da sua vida e que, evidentemente requer tempo para sua elaboração, mas, apesar das diversas situações de vivência do luto, tendemos a focarmos apenas ao luto associado à morte (RAMOS, 2016).

O luto por morte é uma resignificação simbólica de um vínculo, sendo solitário e preenchido com os mais diferentes significados. Seja com uma música, um objeto ou um lugar, o enlutado sente a necessidade de sentir de alguma forma manter viva a lembrança de quem perdeu a vida, embora a ciência venha apresentar uma teoria para o luto, na verdade o luto não é teoria, é uma vivência real, que só quem passou consegue descrever esse momento de dor (SOUSA, 2016).

Moura (2006) descreve que os determinantes que sucederão o luto dependerão de como a indivíduo morreu, o nível de vínculo afetivo, a forma como aconteceu, se foi em acidente, morte natural, suicídio, homicídio ou doenças sem cura. Existe a influência da distância do falecido, o tempo desse distanciamento, o histórico

de perda desse enlutado, a personalidade do enlutado e do falecido, deve ser considerado a idade, sexo, se existe fatores biológicos ou psicológicos que possam alterar o percurso do luto. O amparo psicológico e social, as crenças religiosas, grupos de apoios e principalmente o suporte familiar contribuem no conflito no processo de luto e auxiliam para mitigar os fatores estressores causado no momento de conflito do luto.

Para Ramos (2016), a elaboração do luto é inerente ao indivíduo, diante do enfrentamento às perdas, sobretudo de pessoas com vínculos de afetividade, sendo uma das vivências mais penosa para o indivíduo. O luto pode ser considerado luto normal, quando está dentro dos parâmetros da normalidade, conseguindo passar pelas fases do luto, ou, luto patológico, quando o indivíduo não consegue vivenciar e ultrapassar no tempo esperado a fase do luto.

De acordo com a American Psychiatric Association (2022, p.322), alguns dos critérios para o diagnóstico do transtorno de Luto Prolongado são os seguintes:

A morte, há pelo menos 12 meses, de uma pessoa próxima ao enlutado individual (para crianças e adolescentes, há pelo menos 6 meses).

Persistente caracterizada por um ou ambos os sintomas a seguir, que estão presentes na maioria dos dias em um grau clinicamente significativo. Além disso, o(s) sintoma(s) ocorreu(m) quase todos os dias pelo menos no último mês: 1. Anseio/saudade intenso pela pessoa falecida.

Sensação marcada de descrença sobre a morte.

Evitar lembretes de que a pessoa está morta (em crianças e adolescentes pode ser caracterizada por esforços para evitar lembretes).

Dor emocional intensa (por exemplo, raiva, amargura, tristeza) relacionada à morte.

Dificuldade em se reintegrar aos relacionamentos e atividades após a morte (por exemplo, problemas para se relacionar com amigos, buscar interesses ou planejar o futuro).

Conforme Silva, Carneiro e Zandonadi (2017) as consequências do luto considerado patológico, o enlutado pode apresentar dificuldade na aquisição de consciência da enfermidade psíquica, dificuldade de autoaceitação, pode apresentar a falta de reabilitação e ausência de novas perspectivas após a perda.

Há diversas formas de entender o luto, seja normal ou patológico, a psicanálise e a psicologia têm a compreender com linguagens próprias de sua perspectiva abordagem a vivência do enlutado.

Para Freud (1996, p.179), considerado pai da psicanálise, compreende que o luto é o “objetivo derradeiro da vida é sua própria extinção”, o luto não é considerado doença e sim tristeza profunda, que o sujeito tende a superar após o passar do tempo, e hipercatexia é uma perda real, deve-se trabalhar o desligamento da libido do objeto perdido, o teste de realidade e o ego desinibido. O processo de luto é lento e doloroso, caracterizado por profunda tristeza, afastamento de qualquer atividade não relacionada a pensamentos sobre o item perdido, perda de interesse pelo mundo exterior e incapacidade de substituí-lo aceitando novos itens de amor (FREUD, 1996).

O enlutado apresenta melancolia de maneira exagerada, sendo mais ideal e inconsciente, não sabendo o real objeto perdido, não necessariamente tenha falecimento podendo ser um rompimento de relacionamento (CAVALCANTI; SAMCZUK; BONFIM, 2013).

Já a fenomenologia busca a compreensão dos fenômenos, que se apresenta como pretendidos, e não nos individuais. Para a fenomenologia, o luto é caracterizado a existência experienciada em seguida de uma perda significativa, a perda é um fator primordial utilizado para compreensão dessa vivência, o luto é visto com a ausência do outro no mundo do eu, no qual é colocado o horizonte histórico, o mundo-da-vida e as especificidades relacionais do enlutado, pela qual só consegue ser entendida no sentido e contexto da vivência, onde conduz o esforço metodológico a compreensão das existência enquanto fenômenos (SOUSA, 2016).

Para Beck (1997), as condições da perda são as mediadoras entre o evento e as consequências, onde o enlutado pode apresentar crenças de desvalor, desamor ou desamparo e pensamentos automáticos disfuncionais dependendo da representatividade do falecido para ele. Embora sejam de diferentes abordagens, a continuidade para o enlutado será relativa de acordo com sua visão de mundo e sua representatividade, sendo uma vivência única para cada indivíduo.

Foi realizado um estudo psicológico, um dos mais importantes no século XX, nomeado como os cinco estágios do luto, apresentado no livro “Sobre a morte e o morrer” de Elisabeth Kubler-Ross, psiquiatra Suíça – Americana, nas quais os estágios representam maneiras psíquicas do sujeito enlutado para tratar com a perspectiva da ausência/perda, podendo ser vivenciado sequencialmente, linear, alternadas ou somente algumas dela, ocorre também de o sujeito fixar em somente uma fase.

Primeiro estágio, negação e isolamento é uma defesa temporária para uma aceitação parcial, quando assumida nem sempre aparece uma maior intensidade na tristeza, demonstra incapacidade de seguir enfrentando o fato, pode aparentar um momento de choque da realidade, por alguns momentos ficar paralisado, parecendo que nada aconteceu (KUIBLER-ROSS,1985).

Nesse segundo estágio a raiva aparece como resultado do sentimento de frustração que adquirimos ao perceber que existiu o fim da vida e que não há nada mais que possa ser feito para retornar a vida (KUIBLER-ROSS,1985).

No terceiro estágio, surge a tentativa de adiantamento, na maioria das vezes feitas por promessas para que mude a situação, promessas como, “eu prometo nunca mais fazer isso”, tentativa de uma criação de ficção de que estamos no controle de tudo e que isso dispõe em uma probabilidade que podemos impedir a morte (KUIBLER-ROSS,1985).

O quarto estágio, da depressão, cria um mecanismo de preparar uma perda iminente do objeto amado, saímos da fantasia e voltamos para a realidade presente, conscientizado de que o que mais queríamos não irá voltar mais, embora mantém um enorme vazio (KUIBLER-ROSS,1985).

O quinto e último estágio é a aceitação algumas pessoas lutam até o fim para não chegar nessa fase, e quando chega, começa a reorganização mental e a dor da perda vai extinguindo com o tempo, aos poucos vai voltando a sentir sentimento de alegria e voltando a rotina “normal” da vida (KUIBLER-ROSS,1985).

O luto está sujeito a aparecer em qualquer relação significativa do indivíduo, em que se senti pertencente. Os valores da morte de um outrem vai depender da significação que existe ou existiu entre a pessoa enlutada e a que ficou sem vida.

2.2 A MORTE COMO PARTE DA HUMANIDADE

Inicialmente apresentaremos uma fala sobre a morte em poesia de um dos maiores poetas, Drummond (1968, p.15), que diz assim:

Qualquer tempo é tempo
A hora mesmo da morte
E hora de nascer.
Nenhum tempo é tempo
bastante para a ciência
de ver, rever

Tempo, contratempo
anulam-se mas o sonho
resta, de viver.

Falar sobre a morte na poesia remete a presença dela em tudo e em qualquer circunstância, seja na mais bela vivência ou em triste momento e aprender em falar em forma de poesia é uma plenitude.

A morte é um processo natural dos seres vivos, biologicamente, é um processo irreversível para a manutenção orgânica de um corpo, além disso contém inerentemente um aspecto simbólico, pertinente tanto na psicologia como às ciências. A morte apresenta-se como um fenômeno introduzido de valores e interpretação inerentes ao contexto cultural e histórico em que se desenvolve (COMBINATO; QUEIROZ, 2006). A fase de morte tende a ser negada, tendo um distanciamento entre a sociedade e essa fase, gerando tabu, evitado a ser falado da morte do outro ou dela mesmo, ainda mais quando se encontra na fase do morrer (KUBLER-ROSS, 1985).

A sociedade contemporânea passa por um período de assimilação que exige de tal forma que sejamos felizes o tempo todo, e, ao demonstrar emoções negativas, estamos sendo “julgados” como vulneráveis. Hoje as indústrias de produtos de beleza, alimentícias, farmacêuticas, moda, entre outras, pregam o bem-estar ligado a ser jovens e com ausência de emoções negativas, existe algumas críticas a psicologia positiva sobre isso, devido a necessidade de o indivíduo buscar estar bem todo tempo (JARDIM, 2006).

O envelhecimento nos é apresentado como perda de autonomia, surgimento de doenças como meio de canalização de finitude, e algumas vezes assimilado como erro médico. Na sustentação da rejeição ou da aceitação não crítica da velhice, apresenta-se uma forte similaridade entre esse fenômeno com a doença, a dependência, distanciamento e do ciclo de vida com a morte, (NERI; FREIRE, 2000).

A partir do século XIX a velhice começou a ser tratada como uma etapa da vida significada de ausência de papéis sociais e decadência física, a estética física deve ser vista com a melhor aparência de jovem possível, devido a aparência do envelhecimento significar a aproximação da finitude (DEBERT, 1999).

De acordo com Peres e Lopes (2012), hoje em dia, o maior número de morte por doença ocorre em leitos de hospitais, em um apartamento com um acompanhante, no leito da emergência rodeado de uma equipe de profissionais da saúde , outros na

ala de tratamento intensivo, isolado mais ainda do contato das pessoas que amam, vivendo praticamente com pessoas que nunca viram na vida, as vezes muitos relutam para manter-se vivos para revê a presença de um filho, de um parente distante, de alguém que pudessem talvez transmitir algo antes de morrer, e na maioria das vezes os entes queridos sofrem nesse distanciamento acreditando que está fazendo o melhor para a pessoa adoecida.

Hoje se falam muito sobre cuidados humanizados, uma prática que pode ser introduzida para falar sobre a morte, pois o adoecido muitas das vezes são negados sua participação das próprias decisões de como será seu fim, com cuidados humanizados podem ser prolongados a vida com alguns dias mesmo de dor, mas com consciência de seus últimos momentos valiosos de vida.

Estamos todos sujeito a passar por uma perda de uma pessoa com grande significado para nossa vida, quando alguém passa por essa fase, é natural que receba compaixão e acolhimento do próximo, podendo apresentar pensamentos disfuncional diante da fala do outro, compreendendo de forma negativa, talvez as únicas palavras que o outro trouxe para contribuir positivamente nesse momento de luto: “foi no tempo de Deus”, “já estava em sua hora”, “assim é melhor”, no momento de compaixão é natural que o grupo acolhe o enlutado, compreendendo que é um momento de atenção voltado para ele, muitas reações são bem presentes como esperar seu momento de fala, compartilhar e expressar sua dor, lembrar a memória do falecido, comportamentos são expressados pelo grupo como forma de apoio, como realizando pequenas tarefas, arrumando a alimentação, realizando alguma limpeza, ficar com as crianças ou alguém debilitado, são pequenos gesto que podem ajudar o enlutado. Caso necessário realizando apoio para acompanhamento com profissional (PERES; LOPES, 2012).

A morte transfere a ampliação de conhecimentos, hábitos e costumes que são resguardados de geração a geração. São essas ações que o indivíduo diferencia em vista dos outros seres vivos (KOVÁCS; 1992).

A partir do momento em que o homem se conecta com a finitude, ele tende a aproximar de seus valores, muitos fundado pela cultura. Ciente do fim, o homem tem a necessidade de realizar as últimas transições, muitos para conservação e transição de seus conhecimentos, patrimônio e sendo representativo culturalmente até seu último suspiro de vida (KOVÁCS; 1992).

Descrevendo como amiga Quintana (1972, P.15) fala da morte em versos de poema “Minha morte nasceu” compartilhando a visão de sua morte no livro poesia:

Minha morte nasceu

Minha morte nasceu quando eu nasci.
Despertou, balbuciou, cresceu comigo...
E dançamos de roda ao luar amigo
Na pequenina rua em que vivi.

Já não tem mais aquele jeito antigo
De rir e que, ai de mim, também perdi!
Mas inda agora a estou sentindo aqui,
Grave e boa, a escutar o que lhe digo:

Tu que és a minha doce prometida,
Nem sei quando serão as nossas bodas,
Se hoje mesmo... ou no fim de longa vida...

E as horas lá se vão, loucas ou tristes...
Mas é tão bom, em meio às horas todas,
Pensar em ti... saber que tu existes!

O morrer não dever ser uma determinante extrínseca da existência, contudo, uma particularidade essencial do ser homem. A concordância do ser humano para com a morte é uma parte integrante de seu existir.

2.3 SIGNIFICADOS CULTURAIS DE RITUAIS DE PASSAGEM DA VIDA PARA A MORTE.

A autoconservação é um extinto humano como meio de proteção e superação contra a morte, sendo necessário com medida cautelosa para o seu lado vital, sendo um estímulo natural referente ao biológico, enfrentamento da morte é uma das razões que motiva o ser humano a se impulsionar, porém se vivêssemos pensando na morte ficaríamos paralisados no tempo, por isso impulsionamos como se fossemos imortais. A negação da morte é como um posicionamento de defesa, não nos permitindo a viver com modo constante, mesmo sabendo que é uma defesa temporária, não eliminando a existência da morte. Embora não foquemos na morte o tempo todo, mas ela existe e não podemos ignorar completamente (KOVÁCS; 1992).

De acordo com Papalia e Feldman (2013), embora a morte seja um evento biológico e uma experiência singular e subjetiva, nela apresenta-se também aspectos sociais, culturais e históricos. Nesse sentido, entende-se neste referencial, que o luto está diretamente relacionado ao contexto histórico e suas práticas culturais de um

determinado grupo, de modo a influenciar diretamente nas formas de como as pessoas daquele grupo dão significado ao fenômeno da morte. O luto é uma prática cultural que dá significado para o fenômeno da morte.

Para Roseney e Carvalho (2005), os cuidados de um ente querido na iminência da morte em casa, eram uma prática comum, como ainda é em algumas comunidades rurais e regiões, as mudanças relevantes históricas que permeiam o tema da morte e do morrer transcorreram no final do século XIX, sobretudo nos países desenvolvidos. O desenvolvimento da medicina e no saneamento básico, através tratamentos para doenças que no passado eram consideradas como fatais associados a uma população mais esclarecida e com capacidade evoluída de raciocínio originaram-se o revolucionamento, da mortalidade.

Na idade média quanto as pessoas que morriam eram realizadas o sepultamento dentro das igrejas, próximos de santos, simbolizando proteção. Tempo depois a igreja virou local de prestígio para as pessoas de mais riquezas, e quanto mais próximo do altar, mas é valorizado o corpo. Afastando os pobres para os espaços fora da igreja, para o churchyards, hoje chamado cemitério, as igrejas ficam no centro das cidades, mas por questões de salubridade os cemitérios começaram a serem construídos distante dos espaços urbanos, começaram a construir bosques, tornando lugares de passeios e descanso, as pessoas conviviam entre os corpos normalmente. (KOVÁCS, 1992). De acordo com Muniz (2006) o cemitério é a terra dos ancestrais, tem o papel de inventariar e acondicionar os resíduos mortais humanos, o espaço visto como sagrado onde acontecem expressões socioculturais das mais diversas; também é um lugar onde o sujeito se relaciona com o que transcende , com o sobrenatural e a consciência da finitude passa a questionar-se sobre qual o sentido vida ali manifesta suas certezas e incertezas sua religiosidade e insegurança, expectativas atravessamento de ritos e simbologia.

A herança cultural que abriga o cemitério no âmbito representações tangíveis, intangíveis materiais e extra-sensorial, das apresentações (símbolos e rituais) do sujeito diante da morte, denotação de saudade, angústia, esperança, amor, fé. Ao mesmo tempo que o cemitério é um patrimônio cultural, é rico em características e simbologia que representam quem somos e como nos constituímos (MUNIZ, 2006).

Para Muniz (2006), a arquitetura deste espaço tem a capacidade de manifestar nosso patrimônio étnico cultural (identidade) assim como a hierarquia social, pois os túmulos são mausoléus, carregados de símbolos intrínsecos da época

em que a sociedades que os construíram. A configuração espacial dos Cemitérios é equiparada a um bairro, possuindo ruas, quadras e construções quadras. Desse modo, a similaridade e diferenças que são tão constantes nas cidades dos vivos.

Conforme Muniz (2006), a percepção de “Patrimônio Histórico” necessitaria recordar as múltiplas dimensões da cultura como ilustração de um tempo que ainda vive: eventos e elementos dignos de serem protegidos porque sua significância e diversidade considerável para ao coletivo. Sousa (2016) destaca alguns fatores que influenciam a subjetividade da pessoa enlutada: cultura, religião, etnia, grau de apoio social e emocional. Considera-se que são relevantes para a compreensão do apoio da pessoa que está no processo de luto.

Os locais, singularmente, em que se realizam as últimas cerimônias transforma-se gradualmente num espaço próprio, sagrado, dirigido às questões voltadas da espiritualidade, alterando seus aspectos de acordo com o período histórico e caracterizado pelas diferentes crenças religiosas. Contudo, não se pode afirmar que as celebrações tradicionais que marcam mudança de status de uma pessoa são definidas por “caraterísticas específicas "sejam campo religioso como se pode observar por intermédio das cerimônias fúnebres realizadas para “solenizar” a finitude de pessoas que não praticam qualquer religião. No que se refere à forma como nos “desfazemos” destaca-se o crematório que pode mudar conforme a religião, cultura a religião e o período histórico (SIMÕES, 2021).

Os rituais são representativos após a partida do ente querido, o lugar, a música, a cerimônia, as pessoas presentes entre outros ficam como registros nas lembranças do enlutado. A representação da morte pode ser vista em muitos, folclore, fábulas, representatividade muito forte culturalmente. Historicamente a figura materna tem uma simbologia presente com a morte, existindo elementos que retrata essa fala, o manifesto desejo voltar para suas raízes, assim ideia do regresso ao útero materno (KOVÁCS, 1992).

Nas escrituras das cavernas traz a simbologia, obscura, tranquilo como cavidades ventrais da terra trazendo uma analogia ao útero materno. Talvez explique o desejo do homem morrer em casa, nos quais muitas das vezes a realização dos rituais são realizadas na casa materna, lugar simbolizado de proteção e acolhimento. Existe a representatividade dos rituais nas águas ligado a maternidade, trazendo a ideia de renascimento, batismo, um novo ser e sendo purificado (KOVÁCS, 1992).

Para Krom (2000), esses locais sagrados para os rituais, vão superior a atuação e são cheios de símbolos. Símbolos que podem ter diversos significados descrevendo o que palavras não podem dizer. Os locais mais utilizados para o processo de passagem são feitos em: hospitais, existem locais dentro de hospitais para realização de cerimônia; nas igrejas, locais muito utilizado por familiares religiosos; residências, prática muito comum no Brasil velar em suas próprias moradias; departamentos públicos, muito utilizados por pessoas públicas, espaços particulares, seja ele salão de funerárias ou lugares reservados para realização dessas cerimônias; também o próprio cemitério é utilizado para realização do ritual fúnebre, muitos existem capelas, tendas próximos a cova ou é criado um improvisado para esse momento fúnebre. De acordo com a simbologia, os rituais podem ser vistos como um significado de intercomunicação simbólica da cultura e os seus diversos existenciais de seu acontecimento.

Para Martins (2019) a experiência com a morte pode simbolizar uma nova valorização e percepção da vida, começa a dar novo sentido o que importa realmente, tornar-se um ser humano melhor, adquire mais aprofundamento de compreensão religiosa e espiritual. A presença religiosa é uma das mais presentes e profundas em rituais fúnebres, desde a visão do fim da vida ou como o início de um novo começo.

Na religião islã, os rituais do corpo que perdeu a vida são tratados de acordo com as normas dos textos sagrados do islamismo. As diferentes traduções dos textos islâmicos, acomete a diferentes vivências em diferentes contextos históricos, com tudo a forma de conduzir os rituais modificam, seja por muçulmanos ou por jurisprudência islâmica. Na construção de rituais, envolve diversidade nos rituais, entre eles, a forma de sepultamento dos tipos de túmulos a serem evitados, o tecido a ser usado para enrolar o corpo, também como será a forma de realizar o ritual fúnebre em grupo de minoria muçulmana, entre outras (CHAGAS, 2015).

A condução de seus rituais também implica em qual território mundial ocorreu o falecimento, as tratativas do condução implica de como o território realiza a conduta diante da religião, como exemplo a sociedade europeia, é visto como múltiplos fatores de negociação, de conflitos políticos e também levado em consideração as questões religiosas que engloba as questões aos rituais perante a morte e ao sepultamento, levando a liberação de construção de cemitérios muçulmanos, porém dependendo de como interpretar o contexto religioso do islamismo, pode ocorrer a solicitação de realizar o traslado do corpo para seu local de origem (CHAGAS, 2015).

Seus rituais são realizados como direito e consideração daquele que em vida era da religião islâmica, dependendo do corpo só pode ser praticado os rituais fúnebres por muçulmanos, tendo classificação de rituais de acordo com o tipo de morte. É de responsabilidade de todos os fiéis a participação, e de como serão realizados o sepultamento e a forma de conduzir é observado por amigos, famílias, líderes religiosos, vizinhos entre outros, os líderes religiosos são responsáveis também de produzir e realizar cursos sobre o assunto (CHAGAS, 2015).

Assim como a religião islã tem suas particularidades as religiões afro-brasileiras apresentam seus rituais com suas singularidades. O início das realizações dos rituais é logo ao morrer, ocorrendo em três momentos distintos (BANDEIRA, 2009).

O primeiro é o ritual para desfazer o que havia feito na feitura de santo, separando o conexão religioso para libertar dos elos com aivê, com suas práticas, tem o responsável para realizar uma raspa do topo do crânio, sendo feito por valorixá ou babalorixá, da cabeça do morto, simbolizando a retirada de Oxu, também é realizado a quebra de um ovo para oxu, sacrificado um pombo e logo após colhido o sangue dele, dividido em duas partes, uma é enrolado em um pano branco e colocado na sepultura do ará-orum, e a outra parte para ser utilizada em outros rituais litúrgicos no terreiro, esse ritual é o rito de dessacralização, a libertação do orixá protetor do corpo falecido (BANDEIRA, 2009).

O segundo momento é o axexê, o de individualização, a continuidade da separação do elo sagrado. Nesse momento todos os pertences pessoais do falecido são reunidos e utilizados para sacrifícios, após todos juntos os pertences são feitos uma consulta oracular para saber qual destino será feito com esses pertences (BANDEIRA, 2009).

No terceiro momento, é feito o momento do arremate, somente após o carregado despachado, e deve ser realizado antes do pôr-do-sol. Nesse encontro, é realizado cânticos aos orixás, após realiza ebós nos participantes, e em seguida inicia a limpeza, ritual do terreiro e das divindades, os participantes do terreiro devem estar vestidos de branco, que simboliza a verdade absoluta, entende-se que o morto está presente, as mulheres ficam com o pescoço e cabeça coberta e os homens participam com o pulso envolvidos em palhas da costa (BANDEIRA, 2009).

Para a religião do candomblé a morte é uma mudança de planos, não significando a extinção, e que faz parte dos ciclos. Credo que cada ser humano tem seu orí, ou seja, seu destino, devem ocorrer danças, cânticos, comidas e bebidas nos

rituais de sirrum, axexê, entre outros, para eles deve ser homenageado a morte, assim como a vida é festejada, a morte deve ser também, comemoradas com seus amigos, familiares e povo-de-santo (BANDEIRA, 2009).

Na religião do cristianismo, tem a visão que a morte é um momento de partida para a vida eterna, para isso é necessário considerar o conceito de imortalidade, pois a morte é apenas a desvinculação da alma do corpo carnal. Nos rituais cristãos é realizado unção, velório, entoar cânticos, fazem cultos ou celebra missas, enterros e orações ou rezas, os locais mais utilizados pelos cristãos são nos cemitérios, igreja e em casa. A religião do cristianismo diferencia de acordo com a interpretação da bíblia, havendo a fé dos evangélicos e católicas. Para a igreja católica por exemplo, o padre efetua a encomendação do corpo, realizando leituras de textos sagrados, e após sete dias do falecimento é realizado uma missa chamada missa do sétimo dia, para os católicos o dia dois de novembro é o dia para celebração aos mortos, no Brasil é considerado feriado nacional, são utilizados rituais em levar velas e acender no túmulo, levar flores e realizar rezas. Para os evangélicos, não é realizado esses rituais, considera que a alma já está fora do corpo, não precisando referenciar o corpo sem vida, acredita que sua alma está dormindo, aguardando o grande julgamento para a ressurreição, as liturgias realizadas no momento de velório são realizadas pelos maiores cargos da igreja, presbitério ao pastor, entre amigos e familiares, em ambos são os velórios são abertos ao público (HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2001).

Para Bromberg (2000), os rituais associados com a passagem da vida para morte podem oferecer um suporte culturalmente para a o indivíduo ou grupo enlutado, com as mudanças de papéis, responsabilidade e o fechamento do ciclo da vida, podendo responder perguntas em momento da perda, existindo a necessidade de atender suas questões sociais e psicológicas através de proporcionar as manifestações diante da morte.

A cultura tem capacidade de modificar em nós, a nossa subjetividade. Tornando nós únicos, porém com a identidade diferente do fazer. Fazendo com que essa mobilidade não seja algo contínuo. Cada um ser humano na sua individualidade perpassa por esse processo em circunstância e pessoas diferentes, transformando sua singularidade única (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2018).

O significado do luto será respectivamente distinto, entre um japonês idoso que pratica budismo que aprende a aceitar a morte, e, tem sua vida influenciada na religiosidade, diferentemente de um jovem americano que cresceu acreditando que é

dono de seu próprio destino (PAPALIA; FELDMAN, 2013). O enlutado passa pelo processo de adaptação após a perda de alguém com vínculo afetivo, primeiramente ocorre o pesar do luto, podendo haver alterações emocionais e mudanças significativas nos papéis e status sociais (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

3. REVISÃO DE LITERATURA

O presente trabalho é uma revisão bibliográfica com o objetivo de aprofundar o tema por meio de métodos qualitativos. A metodologia aplicada nessa pesquisa é um conjunto de atribuições, incluindo esclarecimento de problemas, revisão teórica, alcance de metas estabelecidas, coleta de dados, análise e conclusão (OLIVEIRA, 2018).

De acordo com Lira (2019), a pesquisa descritiva, aplica técnicas padrão de coletas de dados, aplicando questionário e a observação. Descrevendo umas características de população ou fenômeno, como por exemplo, sexo, eleição, idade, profissão entre outros. A pesquisa qualitativa realizada buscou compreender o modo de interpretar os fenômenos sociais e entender de modo mais descritivo.

A pesquisa divide-se nas seguintes etapas: seleção do tema, busca das fontes, leitura do material, organização e planejamento das revisões bibliográficas, levantamento bibliográfico, formulação dos objetivos e produção textual.

O método de pesquisa foi realizado buscas de artigos de revistas e periódicos nos sites de publicações nas bases do Google Scholar, SciELO (Scientific Electronic Library Online). Com as palavras chaves: subjetividade, luto, interseção cultural e sociedade. Os critérios de exclusão foram artigos, livros ou quaisquer materiais anteriores ao ano de 2013, não compões como base de estudo para esta pesquisa, a partir da etapa de revisão de literatura, assim como quaisquer materiais que fujam do tema, também não foram utilizados materiais que não sejam escritas na língua brasileira.

Na coleta de dados foram pré-selecionados 40 textos, sendo 21 artigos, 17 livros, 1 manual e 1 hinário, os quais compõe a totalidade da pesquisa, dentre eles foram selecionados 10 textos que compõe a revisão de literatura correspondendo os objetivos elencados e se conectado com o tema da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada uma leitura descritiva através de revisão bibliográfica de todo o material selecionado com leitura para verificar se a obra consultada é de interesse para o trabalho. A partir disso, ocorreu uma leitura seletiva e o registro das informações extraídas das fontes.

Após seleção do material, foi realizada uma leitura analítica com a intenção de ordenar e resumir as informações contidas nas fontes, para melhor compreensão

das discursões que foram expostas de forma que esta possibilitou a obtenção de respostas ao problema de pesquisa.

Adotando preceitos éticos, essa pesquisa se preocupa e se compromete em citar os autores utilizados nos estudos respeitando as normas da Associação Brasileira de Normas técnicas sendo uma delas a NBR6023 que trata dos elementos e orientação na utilização de referências, além disso os dados compõem embasamento e sustentação teórica para o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso.

3.1 RESULTADOS

Como procedimento analítico, foram realizadas verificação de quatro aspectos relevantes: regionalidade, constructos centrais sobre o tema, autores precursores sobre o tema luto e contribuições relevantes da sustentação da pesquisa.

I) Regionalidade

Através da análise dos artigos, observamos as publicações por regionalidade, destaca-se um maior número do estado de São Paulo com quatro publicações e com um registro nos estados de Ceará, Maranhão, Pará, Rondônia, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. A diferença expressiva do número de publicações no estado de São Paulo identificada na análise, abre precedente para aprofundar novas discussões de estudos no sentido de entender por que razões a comunidade científica apresentou maior interesse sobre esse tema.

II) Constructos centrais sobre o tema

Os estudos da revisão de literatura foram realizados de maneira crítica das obras publicadas referente ao tema luto, das quais foram estudadas: SILVA; CARNEIRO; ZAMDONADI (2017), CAVALCANTI; SAMCZUK; BONFIM (2013), FARIA; FIGUEREIDO (2017), NEGRINI (2014); PEREIRA; PIRES (2018), RAMOS (2016), SANTOS; YAMAMOTO; CUSTÓDIO (2017), SOUZA; SOUZA (2019), CHAGAS (2015) e SOUSA (2016). Com base nos dados dessa pesquisa realizada

através da leitura dos textos, organização das ideias, análise de dados e planejamento, possibilitou melhor direcionamento ao tema proposto.

O Construto central dos estudos foram realizadas pesquisas utilizando 36 palavras-chaves, a mais utilizada para pesquisa foi a palavra luto, com 10 artigos utilizando a palavra luto (Luto, Luto antecipatório, fase do luto, luto normal, luto patológico) em seguida 7 artigos utilizaram as palavras-chaves morte ou perda para pesquisa de seus trabalhos. Essas palavras-chaves facilitou o entendimento de quais assuntos foram destaque para a pesquisa, identificando as características dos trabalhos descrito, facilitando melhor a identificação com a nossa pesquisa.

III) Autores precursores sobre o tema luto

Ainda de acordo com a análise, os instrumentos de coletas de dados de todos os artigos foram utilizados a pesquisa bibliográfica de natureza dos dados qualitativos, analisando os dados do marco teórico de referência dos artigos, e visto que foram utilizados alguns autores em comum, entre eles, ARIÈS (2003), com a História da morte no ocidente, estando presente no trabalho dos autores: SILVA; CARNEIRO; ZAMDONADI (2017), FARIA; FIGUEREIDO (2017), NEGRINI (2014), SOUZA (2019), equivalente a 45% dos artigos analisados, sua literatura foi utilizada ao que se refere as mudanças de como está sendo visto o tema morte na sociedade.

IV) Contribuições relevantes da sustentação da pesquisa

Para o levantamento bibliográfico dessa pesquisa, foram realizadas análise do objetivo proposto de acordo com a perspectivas dos autores. Serão apresentados abaixo os objetivos de cada contribuição, conforme leitura realizada dos artigos, e de acordo a sequência analisada dos dados:

1º No artigo de SILVA; CARNEIRO; ZAMDONADI (2017) tem como objetivo apresentar estratégias de tratamento do indivíduo que se encontra na fase do luto patológico e do rompimento, buscando novas adaptações de sua vida no aspecto biopsicossocial. Esse artigo veio a contribuir com a visão de outros autores na leitura das fases do luto de Kubler-Ross (1998) referenciado nesse trabalho.

2º CAVALCANTI; SAMCZUK (2013), as pesquisadoras têm como principal objetivo observar o conceito de luto na perspectiva dos psicanalíticos Sigmund Freud

e Melanie Klein, suas divergências e similaridades. Em contexto mais amplo as autoras contribuíram com dados sobre a visão da abordagem psicanalítica ao tema luto.

3º Para FARIA; FIGUEREIDO (2017) em seu artigo, descreve sobre os profissionais de saúde que lidam diretamente com morte de paciente no seu ambiente de trabalho, apresenta a necessidade de se discutir sobre as condições dos profissionais diante dessa perda. Embora o artigo seja voltado para um público específico, veio a contribuir com suas colocações sobre a visão do indivíduo sobre a morte.

4º NEGRINI (2014), a autora descreve como objetivo do seu artigo a reflexão do significado da morte para o indivíduo diante da certeza de sua finitude, apresentando mudanças significativas para o homem do século XX. A autora tem parcela de contribuição a essa pesquisa com dados históricos de como o homem se percebe frente a morte no decorrer da história.

5º PEREIRA; PIRES (2018), busca a entender a elaboração no momento da vivência após confirmação da morte ou perda significativas consideradas como luto, exemplo da perda do trabalho, separação conjugal entre outras. Faz parte dessa pesquisa com a relevância de dados sobre a intersecção cultural diante do luto, como o indivíduo tende-se a comportar e pensar conforme sua cultura.

6º SOUZA (2019), nesse estudo, tem como objetivo apresentar a importância dos rituais fúnebres para o enlutado. Sua contribuição nesse estudo foram a contribuição dos rituais na subjetividade do indivíduo vivenciar o luto.

7º RAMOS (2016), a autora tem como objetivo abordar fatores do processo de luto, entre o que distingue o luto patológico e luto normal. Fala da importância do psicólogo na intervenção do sujeito e família perante a perda. A utilização desse artigo, justifica-se a ênfase dada a elaboração do luto individual e a conceitualização do que é luto, ajudando a responder nossa pesquisa.

8º SANTOS; YAMAMOTO; CUSTÓDIO (2017), os autores propõem-se no artigo pontuar relevâncias nas fases, características e processo do luto. Esse estudo veio a contribuir com a apresentação dos tipos de luto, diferenciando o normal e patológico.

9º SOUSA (2016), o artigo apresenta contribuição sobre o processo de luto para a área da psicologia com base na abordagem gestáltica. Apresenta contribuição com dados da abordagem Gestalt e de como é visto o luto por morte.

10º CHAGAS (2015), busca apresentar a compreensão e importância dos rituais islâmico perante a morte. Contribuiu com a pesquisa com os estudos sobre tipos de funerais, a significância da religião no processo de luto e tipos de rituais utilizados pela religião islâmica.

Diante da colocação dos autores Souza (2019) e Chagas (2015), discute como valores sagrados para o falecido ou da maneira que o outro intérprete esses valores transcende os rituais e a maneira de vivenciar esse processo, a proporcionalidade das emoções será de acordo com a intensidade vivida na relação rompida, a vivência dos rituais colabora para elaboração de suas crenças. A vivência do luto pode causar demandas psicológicas aparentes, pois é do ser humano dificuldade com a perda, e realizar a reconstrução e significado a essa perda pode demandar a terapia psicológica, sendo capaz de justificar o interesse da área de psicologia para estudar sobre o assunto.

3.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A literatura tem evidenciado que vem acontecendo mudança no aspecto de como está sendo estudado o tema de luto na contemporaneidade, de modo que alguns autores (NEGRINI, 2014; FRANCO, 2021; SOUZA, 2019; SILVA; CARNEIRO; ZAMDONADI, 2017) têm ressaltado a interseção cultural na vivência no processo do luto.

No decorrer da história, podemos ver que as práticas culturais relacionadas ao processo da perda ocorrendo mudanças com o tempo, como por exemplo as mudanças dos rituais fúnebre através de novas aquisições e experiências desenvolvidas entre o grupo social e com outras culturas, ressignificando a adaptação e influenciando no processo subjetividade da elaboração do luto, no século XX a morte passou a ser algo restrito e oculto, tratando-se de algo vergonhoso, deixando de ser público. Na pós-modernidade evidenciou a negação da morte, focando na morte do outro e não de si mesmo. O luto perpassa na transformação cultural da humanidade, a consciência da finitude do sujeito, desenvolve a preocupação de transmitir seus hábitos e costumes para sua próxima geração (NEGRINI, 2014).

Nesse sentido utilizaremos esse espaço para responder os objetivos da pesquisa realizada, buscar compreender as diferentes formas encarar a morte em determinadas culturas, serão apresentados pontos de identificação das interseções da cultura para formação da subjetividade da elaboração do luto e pretende-se

discorrer sobre a visão de algumas abordagens no que se refere a subjetivação do luto. Desse modo propõe-se compreender como a cultura contribui para a formação da subjetividade do enlutado.

a) Busca-se compreender as diferentes formas encarar a morte em determinadas culturas

Franco (2021), pondera essencial considerar particularidades culturais ao luto, tornando-se elementos classificatório para particularidade do luto. A simbologia da aceitação da perda e importância do falecido de quem foi em vida, são representadas de acordo com suas crenças culturais, participando no processo da perda (SOUZA, 2019). De modo, que a visão nos dias de hoje sobre a morte modifica conforme a herança de histórias culturais (SILVA; CARNEIRO; ZAMDONADI, 2017).

A vivência do luto é expressa com os reflexos culturais da morte, ocorrendo o início do luto antes que qualquer vínculo com a pessoa falecida, com a contribuição de ganhos da cultura no decorrer dos tempos com as práticas religiosas, percepção de mundo e significado das relações (FRANCO, 2021).

O enfrentamento do luto é passado de geração para geração, e a cultura vem a influenciar no comportamento, sentimento e ação. Embora o luto seja subjetivo, a cultura influencia a subjetividade, diferenciando de acordo com a cultura, a sociedade, a religião, os valores e superstições de cada família. Assim como existe diferenças de cultura e rituais, o momento do luto e rituais fúnebres serão elaborados conforme a visão de mundo (PEREIRA; PIRES, 2018).

A cultura é viva e por isso, na evolução da cultura a construção do sujeito é decorrente a inserção da família, da comunidade, do estado, de todos os outros sistemas que implica nas respostas atuais (FRANCO, 2021). Ainda de acordo com a autora expressar valores é explícito em todas as culturas, podendo ocorrer seu manifesto individual, no entanto, eles podem ser perdidos se aparecem de maneira muito específica e especial para o grupo ou para o falecido. Caso não ocorra a manifestação, será apenas um cumprimento de uma ação (FRANCO, 2021).

No que tange a ancestralidade manifesta no luto representa, indispensavelmente contactar-se no contraste de diferentes comunidades. A saber das diferentes etnias (ou origens) que constituem desse modo a chamada identidade (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2018).

Nos Estados Unidos a formação do luto é manifestada de influências mais presentes de histórico-culturais da Ásia, África e hispânicos, existindo uma pluralidade cultural, com necessidade de adaptar uma resposta para a interação, com isso existindo conflitos entre a desigualdade e impossibilitando a oportunidade de um desenvolvimento cultural além dos limites (FRANCO, 2021). Nos países asiáticos como Japão tem influência de modo Xintoísmo, tradição folclórica japonesa, contempla também o Budismo que foi importado da Coréia e da China, eles apresentam uma maior dedicação a memória do falecido, quando mais significativa, maior o período a ser lembrado, figuras públicas são homenageadas até mesmo com monumentos e esculturas. No México, a influência é de alguns povos da Espanha e pré-colombianos, tem tradição de celebrar a vida de quem morreu, não lamentando a morte (FRANCO, 2021).

A cultura é um aprimoramento sistematizado e acumulativo de conhecimento do processo em que o indivíduo se torna parte de um conjunto social, seguindo suas regras e normas (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2018). Para aprofundar na contextualização de compreender a formação histórica do luto, iremos discorrer sobre algumas contribuições para a cultura do luto no Brasil, país de diversas raízes culturais, no qual retrata uma mistura de outros países, como países da África e Europa.

Para Franco (2021), após a ocasião da chegada dos navios Europeu no Brasil, começa uma mudança na vida indígena, os primeiros habitantes brasileiros, primeiramente a transição de donos da terra, dos indígenas para escravos, após vem a proibição da escravidão de índios pelo Marquês de Pombal por achá-los incapazes de realizar as atividades a partir daí a relevância de pessoas de origem africana para aqui trabalharem como escravas. Ainda de acordo coma autora o meio que estas pessoas encontraram para prática de sua da fé foi através da a fusão religiosa, deste modo desenvolveram crenças e práticas que permanece até os dias hoje.

Com a relevância que a religião possuía para essas pessoas, retiradas de suas raízes, de sua origem, e despersonalizadas, para serem subjugados por um senhor incapaz de velos como qualquer outra coisa menos com a humanidade dessas pessoas. Luto indigno! E não considerado (FRANCO, 2021).

Segundo Franco (2021), com a chegada dos ingleses, os franceses, os holandeses, especialmente no Nordeste do Brasil. Ao panteísmo indígena agregou-se o catolicismo, as religiões de raiz afro e, e por fim, o judaísmo obviamente, a forma

de cada um desses povos compreender a morte e os rituais a ela agregados, assim como o significado do luto, já requer uma dinâmica minimamente sociológica, assim como teológica.

No século 19, ocorreram as imigrações. Surgiram italianos, espanhóis, portugueses e alemães já no começo do século 20, os japoneses e os povos de descendência árabe também começaram a se fazerem presentes, trazendo o islamismo e xintoísmo para o contexto histórico. Não deixando de considerar o advento das redes sociais mundiais de comunicação, que, ao longo das três últimas décadas do século 20, rompeu muitas limitações e propiciou uma inovação na forma de as pessoas se relacionarem e estabelecerem vínculos; ainda para o autor mais recentemente, na primeira e, sobretudo, na segunda década do século 21, ocorreu a imigração de haitianos e venezuelanos, que tiveram sua entrada e permanência no Brasil motivados pela fuga da situação econômica e política de seu país ou em decorrência das consequências de catástrofes naturais, a exemplo o terremoto acontecido no Haiti em 2010 (FRANCO, 2021).

Conforme Franco (2021), o preconceito é corrigido, mas nem sempre de forma a ampliar a liberdade de escolha das pessoas. Então pode se dizer que as raízes das quais vivenciamos o luto vêm de diversos lugares, crescem em solos regado das mais diversas formas, e dão frutos pela diversidade que nos proporcionam. Quando ajudamos uma pessoa enlutada, quando abordamos uma comunidade afetada pela dor da perda, violações de segurança, estamos condenados se nossa abordagem não for culturalmente sensível e, pior ainda, podem ocorrer danos, o que é moralmente inaceitável.

b) Serão apresentados pontos relevantes das interseções da cultura para formação da subjetividade do enfrentamento do luto

No caminho existencial em que se percorre a dualidade de vida e morte, onde a morte é uma dificuldade humana, pois, embora compartilhem igualmente do mesmo ciclo, nascer, o crescer, a reprodução e por fim morrer diferentemente dos animais, apenas os seres humanos, dentre todos os seres vivos, tem consciência de que irão morrer. Diante disso, a morte e o morrer atravessam o contexto social na elaboração subjetiva do luto, conforme será discorrido a seguir, através do estudo sobre a sociedade contemporânea e suas formas de lidar com o fim da vida (FRANCO, 2013).

De acordo com Machado; Menezes (2018), a sociedade é uma convenção de indivíduos que cooperam com um sistema de normas e regime de atuação, princípios culturais, aspectos esses que permitem que os indivíduos se sintam pertencentes ao todo, sendo este um resultado histórico das relações dos indivíduos. O autor ressalta ainda que o compartilhamento desses princípios, forma a identidade cultural e o organismo social. Isto é, a sociedade é como uma rede relacional, em um território definido, onde os indivíduos que a formam compartilham de um mesmo conjunto de regras e normas sociais, que fazem com que estes sintam-se pertencentes a um determinado grupo.

Na hora da morte de alguém, uma série de comportamentos são manifestados procedimentos necessitam ser realizados: questões de cunho legal devem ser tomadas, informações serem feitas, rituais a ser realizados inclusive pagos. Os indicativos dos ajustes de tais práticas estão profundamente enraizados nas condutas, costumes e significados culturais no local que ocorreu a morte ou à qual o grupo foi afetado por ela. A autora refere o que está revestido pelos costumes e tradições valida o papel funcional dos rituais que reflete a representação do simbolismo e significados favorecidos pela cultura, pois esta fornece um formato para que os envolvidos na perda se constituam em padrões populares, sem desconsiderar o valor da personalização dos rituais. Nesse contexto ritualístico que já possuem sentido e tradição a religião se faz fortemente presente (FRANCO, 2021).

De acordo Franco (2021) o luto é vivenciado delineado pelas formas em contornos transmitidos pela cultura e pela religião, que podem ou não estar alinhados com as necessidades amplas do enlutado nos aspectos emocionais, físicos, cognitivos, espirituais. Mesmo que a religião seja negada, não se deve ignorar sua presença na vivência e no significado de uma perda e do luto dela decorrente.

A simbologia do luto não é somente direcionada para a religião ou espiritualidade com a responsabilidade de enfrentamento do luto, a religião pode ser um apoio para enfrentamento de forma que a ciência não explica, seja livre o percurso que será realizado do enlutado para apoiar-se (FRANCO, 2021).

A religião possibilita um suporte para esclarecimento, respostas para questionamentos, apoio para construção, confirmação e transmissão de significados, através de crenças, simbologias, práticas e tradições, intensifica através de rituais a crença de novas possibilidades de organização após a perda do ente querido.

(FRANCO, 2021). A religião pode contribuir na ressignificação de um luto, estando presente na forma que os rituais acontecerão, estarão presentes no funeral quando o enlutado busca apoio que sustente suas crenças, tem por exemplo as igrejas e grupos religiosos são pontos de apoios para lidar com esse momento.

Os rituais são voltados para homenagear quem realizou o fechamento do ciclo de vida, as cerimônias são de benefícios para os que ainda tem vida, gerando momento de lembranças de comunhão, compaixão, conexão, acolhimento, cumplicidade, troca de emoções e priorizando o sagrado. Diante disso o momento será digno do falecido, deixando sua última memória marcada dentre os vivos. Comportamentos são manifestados após um falecimento, atitudes são tomadas, comunicação, rituais, encomendas, questões legais, reflexo da cultura enraizada de costumes e significados do falecido, ou do enlutado ou do grupo à frente das ações geradas devido manifesto. A manifestação de realização dos rituais fúnebres está mais ligada ao papel organizador com o favorecimento da cultura, a religião está presente como prática e tradição nos rituais fúnebres, embora a religião pode ser negada, a presença dela está na vivência e significado da perda (FRANCO, 2021).

A função dos rituais é cumprir de caráter simbólico a ressignificação da vida, ajudando no reconhecimento da perda e simbolizando a ausência de vida do ente querido, permitindo mudanças de possíveis sentimento como o de culpa e barganha, caso não ocorra esse envolvimento individual ou em grupo poderá ocorrer um não pertencimento, deixando uma lacuna a ser preenchida. A partir do momento que o indivíduo realiza o ritual, tende a auxiliar e comunicação relacionado a morte entre o grupo pertencente, facilitando a reintegração social e uma maturação psicológica, possibilitando uma manifestação do seu luto em público (SOUZA, 2019).

O sentimento e como será vivenciado o luto é de modo individual, porém a perda impacta um sistema maior, embora não tenha limitação de impacto. Os que mais ocorre alterações são no grupo familiar, sendo necessidade de reorganização de papéis e responsabilidades, planos familiares modificados e expressões emocionais serão manifestadas em outras situações (FRANCO, 2021).

O ser humano busca se afastar de assuntos que fazem com que gere angústia ou sofrimento, por isso o assunto morte é negado mesmo sabendo de sua existência. Pode se afirmar que a morte ainda é um fato temido pelo homem, e, é notório evitar falar sobre este tema. Por conseguinte, a morte sai de um contexto de naturalidade e passa a ser vista como um tabu que é evitado comentar no meio social e as

considerações são feitas meramente em contextos de velório e na elaboração do luto (FARIA; FIGUEIREDO, 2017).

Diante da posição dos autores citados, entende-se que o processo do luto é individualizado e consiste em obter uma resposta à perda, e que está ligado a interseção pelo qual o enlutado passou ou deve passar. Entende-se que os rituais presentes a morte, possibilita concretizar através de manifesto a elaboração do luto.

c) Discorreremos a visão de algumas abordagens no que se refere a subjetivação do luto.

O tema morte pode ser visto como tabu e como uma passagem de vida para uma outra melhor, dependendo da cultura onde o sujeito está inserido, no entanto quando o enlutado necessita de um enfrentamento para essa passagem do luto, geralmente ele está em um contexto pelo qual existe restrições culturais para falar sobre o tema e apresenta crenças que a morte está direcionada para emoções negativas. Para circunstância que o enlutado não consegue seguir em frente, podem contar com apoio de profissionais que auxiliam a reorganizar seus planos futuros, novos projetos e novos enfrentamentos da realidade.

Para Maria Helena Franco (2021), de acordo com sua experiência clínica, diz que os enlutados que procuram ajuda psicológica, apresenta uma necessidade de organizar suas respostas de sua dor e angústia, por esse motivo foi buscar novas formas de entender o processo do luto, as fases dos estudos de Elizabeth Kubler-Ross (1985), nas experiências de Maria Helena são de grandes relevâncias sobre o morrer, mas para o luto, apresentava muitas variáveis que não daria para padronizar em fases em que estaria percorrendo o enlutado.

O luto, em seu percurso considerado normal, que está na maioria dos casos, percorre fases até a sua aceitação, embora não seja só momentos de alegria, somente caso o enlutado não consiga reagir e adaptar a perda pode ocorrer patologia. Esse processo consiste em ter uma resposta perante a perda em que o enlutado passa para que alcance a ressignificação psicológica e racional. Para isso o sujeito adapta a novos significados após a perda, sendo assim o luto tem a acabar após o processo do enlutado dar continuidade, planos, sem sentimentos de culpas, sintomas comportamentais ou patológicos do falecido (SANTOS; YAMAMOTO; CUSTÓDIO, 2017).

Há elaboração do luto é realizada respeitando as crenças culturais do paciente, o terapeuta da abordagem terapia cognitiva-comportamental tem como papel ajudar o paciente a lidar ou encarar a perda de maneira adaptativa, possibilitando uma reestruturação das crenças a respeito de si mesmo, do outro e do mundo (RAMOS, 2016).

Na perspectiva da teoria psicanalítica, o trabalho de luto, cuja exposição é uma função psíquica, passa por um choque de realidade para mostrar que o objeto amado não existe mais e exige que a libido seja retirada e desconectada desse objeto. O clamor e a oposição a essa demanda de realidade, e a dor que está em curso, é compreensível porque desistir à força de um objeto amado, mesmo com um substituto, é inaceitável (FRANCO, 2021).

Ainda de acordo com a autora (FRANCO, 2021), naturalmente, esse é um trabalho que leva tempo, e há comportamentos que às vezes se assemelham ao distanciamento da realidade, com muita dor e protesto, mas ao final, deixando o ego livre para novas conexões. A repressão e a indiferença são as razões pelas quais o ego se preocupa com o trabalho do luto. Em outras palavras: o ego não fica paralisado pela perda ou protesto quando confrontado com ela.

As lembranças e possibilidades isoladas por meio de libido está apegada ao objeto é evocada, assim o teste de realidade requer que toda a libido seja separada de suas conexões com o objeto (CAVALCANTI; SAMCZUK; BONFIM, 2013). As perdas fazem parte do desenvolvimento humano, sendo caracterizadas como uma morte “consciente” ou uma morte em vida. A morte do outro traz à tona a consciência de nosso próprio fim, por isso, muitas vezes é mais temida do que a própria morte (SOUSA, 2016).

Para a Gestalt, os pacientes são responsáveis pelas suas escolhas. A abordagem da Gestalt busca a conscientização da pessoa referente ao seu sofrimento, contudo, viabiliza que o paciente compreenda a melhor direção a seguir diante de minimizar sua dor. Alguns pacientes procuram a se distrair, resistindo o contato com a experiência de sofrimento, podendo negar a possibilidade de tocar no sentimento. Ao experienciar e finalizar em plenitude do momento presente, esses sofrimentos do passado é resolvido possibilitando a pessoa seguir no aqui-e-agora (SOUSA, 2016).

Para compreender o comportamento do luto, entende-se que deve compreender como foi a construção do vínculo entre o falecido e o enlutado. De

acordo com (FRANCO, 2021) ao discorrer sobre a teoria do apego, apresenta que os comportamentos de apego são desenvolvidos nas relações ao longo da vida, quando maior proximidade, maior o apego, após essa construção de vínculo são apresentadas as ações do sujeito, conforme essa construção será realizada a resposta, existindo uma construção saudável a resposta contará com o apego saudável em situações de perigo.

De acordo com o construcionismo, o luto pode ser transformado em doença quando o enlutado não vivencia como renovação do significado. Para compreender e ressignificar esse processo, requer que tenha pensamento sistêmico, levando em consideração todo contexto, o motivo da morte, a dinâmica familiar, o histórico de vida, o tipo de relação existente entre o vivo e de quem perdeu a vida e os recursos para realizar o enfrentamento (FRANCO, 2021).

Entende-se que as intervenções terapêuticas auxiliam de forma eficaz a modificação, ressignificação e visão perante a morte, para melhora do sofrimento e mudança de papel no grupo inserido, buscando a melhor qualidade de vida após o fechamento de um ciclo. Percebe-se que as teorias apresentam respostas de acordo com a compreensão de base epistemológica de cada abordagem oferecendo ferramentas de manuseio para aplicação em prática diante da demanda do paciente/cliente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na vida estamos sempre lidando com a dualidade, através da perda e ganho, chegada e partida, encontro e despedida, todos necessários e inevitáveis. No entanto, em algumas despedidas, separações e eventuais perdas, estas são extremamente significativas, geradoras de dor e de alterações psicológicas, físicas e comportamentais significativas, pois lidar com perdas ela exige a reorganização de "nosso modo de vida", mudando nossos paradigmas e aceitando nossa própria vulnerabilidade.

Este estudo teve o intuito de contribuir com levantamentos teóricos sobre o tema, como a cultura contribui na elaboração do processo de luto, auxiliando na construção de um significado ao enlutado.

Levando-se em conta o que foi analisado, a autopreservação é extintiva do ser humano como meio de proteger e atenuar a morte, um aspecto da vida que precisa ser levado a sério, é um estímulo biológico natural, e enfrentar a morte é um dos motivos que motivam o ser humano a lutar por si mesmo, mas se pensamos somente na morte enquanto estamos vivos, ficaremos paralisados no tempo, é por isso que nos esforçamos como se fôssemos imortais.

Logo, negar a morte é como uma posição defensiva que nos impede de viver de forma imutável. Embora não prestemos atenção à morte o tempo todo, ela está lá e não podemos ignorá-la completamente.

Considerando o momento em que uma pessoa morre, uma série de ações e procedimentos precisam ser realizados: questões legais devem ser tratadas, informações devem ser prestadas, cerimônias devem ser realizadas, incluindo o pagamento. As evidências de adaptação a essa prática estão profundamente enraizadas nos comportamentos, costumes e significados culturais dos grupos onde as mortes ocorreram ou foram afetadas.

Destaca-se essas práticas são abarcadas pelos costumes e tradições, validando o papel funcional dos rituais que refletem o simbolismo e o significado favorecido por uma cultura, pois isso proporciona uma forma para que os envolvidos na perda se constituam em termos de padrões vigentes e não negligencie o valor dos rituais personalizados. A religião está fortemente presente neste contexto ritual que já tem significado e tradição.

Tendo em vista os aspectos observados, a religião pode fornecer suporte para esclarecimentos, respostas a questionamentos, construção de sentido, afirmação e transmissão por meio de crenças, semióticas, práticas, tradições e crenças, por meio de rituais que reforçam a crença em novas possibilidades de organização após a perda de um ente querido, ente querido. A religião pode facilitar uma ressignificação do luto, na forma de rituais que estarão presentes no velório quando o enlutado busca apoio em defesa de suas crenças, igrejas e grupos religiosos, por exemplo, são pontos de apoio para enfrentar o momento.

Há uma clara percepção de que as respostas à perda estão relacionadas aos conceitos regimentados pela cultura e sociedade em que o sujeito está inserido. A partir da apreciação da literatura consultada para a realização do trabalho, foi observado as nuances envolvidas na relação entre processos subjetivos de luto que emergem do atravessamento cultural em diferentes perspectivas, pois, através da assimilação acerca do que é cultura e processo de luto, pode-se discutir a relação entre estes dois fenômenos.

No que se refere aos aspectos culturais relacionados à morte, através dos estudos realizados foi possível compilar informações publicadas sobre como o processo de luto é vivenciado de formas específicas de indivíduo para indivíduo, e como sua duração pode ser prolongada ou breve, podendo ocorrer em períodos definidos ou indeterminados e sua intensidade variam ao longo do tempo, de pessoa para pessoa e de cultura para cultura, então é fundamental saber como se dá a relação entre a cultura e a subjetividade da pessoa enlutada.

Em virtude dos fatos mencionados, ao longo da história, podemos ver as práticas culturais associadas ao processo de perda mudarem ao longo do tempo, como mudar os ritos fúnebres, capacitar a adaptação e adaptar-se a novos significados. Afetando o processo de subjetividade do luto, no século XX a morte tornou-se algo confinado e oculto, algo vergonhoso, não mais ostensivo. O luto permeia a transformação cultural da humanidade, a consciência da finitude do sujeito. A experiência da morte simboliza uma nova apreciação e compreensão da vida que começa a dar um novo significado ao que é verdadeiramente importante, tornando-se uma pessoa melhor e adquirindo uma compreensão religiosa e espiritual mais profunda. A presença religiosa é um dos ritos fúnebres mais realistas e profundos, desde uma visão do fim da vida ou como o início de um novo começo.

Podemos entender, que a função do ritual é completar simbolicamente a renúncia à vida, ajudar a reconhecer a perda e simbolizar a ausência da vida de um ente querido, permitir mudanças em possíveis sentimentos, como culpa e barganha, caso tal engajamento individual ou grupal não tivesse ocorrido. Pode surgir um sentimento de não pertencimento, deixando um vazio que precisa ser preenchido.

Pela observação das pesquisas realizada, percebe-se que quando um indivíduo realiza um ritual, muitas vezes facilita a comunicação sobre a morte entre o grupo ao qual pertence, promovendo a reintegração social e o amadurecimento psicológico, permitindo-lhe fazer o luto em público. Rituais associados à transição do nascimento para a morte podem apoiar culturalmente indivíduos ou grupos enlutados, mudar papéis, responsabilidades e ciclo de fim de vida, ser capazes de responder a perguntas no momento da perda, precisam comparecer aos seus eventos fornecendo representações de enfrentamento da morte resolver problemas sociais e psicológicos. A dor é sentida e experimentada individualmente, mas a perda afeta o sistema maior, embora não haja limite para seu impacto. É o grupo familiar mais propenso a mudanças, exigindo reorganização de papéis e responsabilidades, mudanças nos planos familiares e emoções que se manifestam em outras situações.

Nesse sentido, os locais onde eram realizados os últimos ritos, em particular, foram se tornando espaços sagrados próprios, abordando questões relacionadas à espiritualidade, mudando sua aparência de acordo com os períodos históricos e as diferentes crenças religiosas.

Logo, fazer seus ritos também significa em qual território do mundo a morte ocorre. Na Idade Média por exemplo, os mortos eram enterrados em igrejas ao lado de santos, símbolo de proteção. Depois de um tempo, a igreja passou a ser um lugar de destaque para os ricos, e quanto mais próximo ficava o altar, mais o cadáver era valorizado.

Levando em consideração a observação das pesquisas referente aos territórios, observa-se as particularidades de cada país. Nos Estados Unidos, o luto é moldado por mais influências histórico-culturais da Ásia, África e hispânicos, a presença da diversidade cultural, a necessidade de adaptação a respostas interativas, desigualdade e oportunidades para impedir o desenvolvimento cultural além de seus limites. No Japão e em outros países asiáticos, o xintoísmo é uma tradição popular japonesa, e inclui também o budismo introduzido na Coreia e na China. Há monumentos e esculturas, e o público também será homenageado. No México, com

influências da Espanha e de alguns povos pré-colombianos, tem a tradição de celebrar a vida do falecido em vez de lamentar a morte.

Assim, por meio dessa análise, foi possível compilar pesquisas publicadas sobre como o processo de luto é vivenciado de formas específicas de indivíduo para indivíduo, e como sua duração pode ser prolongada ou breve, podendo ocorrer em períodos definidos ou indeterminados e sua intensidade variam ao longo do tempo, de pessoa para pessoa e de cultura para cultura, então é fundamental saber como se dá a relação entre a cultura e a subjetividade da pessoa enlutada.

Vale ressaltar que a formação acadêmica é um fator importante, deste modo é fundamental que a comunidade científica considere o aprofundamento das pesquisas, sobre o tema do processo de subjetivação do luto e a intersecção da cultura. Possibilitando assim a sensibilização dos educadores para melhorias dos temas que visem melhor abordar a educação sobre a finitude, haja visto que uma das dificuldades identificadas durante esta pesquisa foi encontrar artigos contemporâneos, que se relacionassem o tema da pesquisa, e por se tratar de um fenômeno culturalmente relevante e que pode contribuir para a atuação das diversas áreas envolvidas diante um episódio de luto.

Dessa forma este estudo, também visa contribuir para pesquisas prospectivas e ampliar os horizontes do luto, o cruzamento de culturas na subjetividade seguindo diferentes perspectivas teórico-metodológicas, sendo que a literatura sociológica com foco nos estudos religiosos aponta uma variedade de caminhos percebidos sobre a vida, a morte, e a relação entre os vivos e os mortos são produzidos, propagados e comunicados em diferentes tradições religiosas e em diferentes contextos históricos e culturais. Na maioria das vezes, esses conceitos são ritualizados e materializados, de modo impreciso, em objetos, substâncias e espaços que podem transformá-los à medida que são criados e transformados por agentes religiosos.

Identificados lacunas na literatura relacionadas diretamente as questões de luto, um dos temas principais, não foram encontradas pesquisas de campo entre os artigos selecionados, abrindo espaço para estudos sobre o tema. Percebendo também ao discorrer sobre a participação cultural no processo do luto, percebe pontos em comuns dos autores ao apresentar as referências bibliográficas históricas sobre o assunto, contendo igualdade referências bibliográficas entre eles. Observa-se lacunas em relação a subsídios de falar sobre a morte, principalmente entre o grupo familiar,

ficando como sugestões para novas pesquisas, podendo incluir também estudos de comparativos entre as diferentes culturas e abordagens metodológicas.

E por fim ressalta-se ainda que ocorra uma esquiva do sujeito em relação às elaborações sobre a finitude humana, esta é própria ao percurso de todos, e é este indivíduo que compõe a sociedade contemporânea. Sociedade esta que elabora as representações sociais atuais da morte.

O luto é proporcional a relação vivida, e por ser proporcional que conseguimos reconstruir, podemos assim dizer então que o luto é eterno. As memórias nunca acabam, enquanto não morrer os dois da relação.

5. REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5ª.ed. rev. Porto Alegre: Artmed (pag. 322-327), 2022.
- BANDEIRA, L. C. C. **Entidades africanas em “troca de águas”**: diásporas religiosas desde o Ceará. Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009.
- BECK, J. **Terapia Cognitiva: Teoria e Prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.L.T. **Psicologias uma introdução ao estudo de psicologia**.18ª ed. Pinheiros, São Paulo: Saraiva. (pag. 215 -224), 2018.
- BROMBERG, M. H. **A Psicoterapia em situações de perdas e luto**. Campinas, 2000.
- CHAGAS, G. F. **Rituais fúnebres no islã**: notas sobre as comunidades muçulmanas no Brasil. Rio de Janeiro: Religião e Sociedade. 35(1): 121-138, 2015.
- CAVALCANTI, A. K. S; SAMCZUK, M. L.; BONFIM, T. E. **O conceito psicanalítico do luto**: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. Psicólogo Informação, vol.17, n.17. (pag. 87-105). ISSN 1415-8809, 2013.
- COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. DE S. **Morte**: uma visão psicossocial. Estudos de Psicologia (Natal), v. 11, n. Estud. psicol. (Natal), 2006 11(2). (pag. 209–216), 2006.
- DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Fapesp, 1999.
- DRUMMOND, C.A. **Boitempo e a Falta que ama**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.
- FARIA, S. S.; FIGUEREIDO, J. S. **Aspectos emocionais do luto e da morte em profissionais da equipe de saúde no contexto hospitalar**. São Paulo: Psicol. hosp. jan./jun. vol.15 no.1, 2017.
- FRANCO, M. H. P. **O luto no século 21**: uma compreensão abrangente do fenômeno 1ª ed. São Paulo: Summus, 2021.
- FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia (1917 [1915]). In:_____. **A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914- 1916)**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HELLERN, V.; NOTAKER, H.; GAARDER, J. **O livro das religiões**. Editora Companhia das Letras, 2001.
- JARDIM, V. C. F. DA S.; MEDEIROS, B. F. DE.; BRITO, A. M. DE. **UM OLHAR SOBRE O PROCESSO DO ENVELHECIMENTO: a percepção de idosos sobre a**

velhice. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 9, n. Rev. bras. geriatr. Gerontol (pag. 25–34), 2006.

KUBLER-ROSS E. **Sobre a morte e o morrer.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1985.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KROM, M. **Família e mitos, prevenção e terapia: resgatando histórias.** São Paulo: Summs, 2000.

LIRA.B. C. **O passo a passo do trabalho científico.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2019.

MARTINS, M. **Edifícios religiosos enquanto espaços arquitetônicos em mutação.** (Dissertação de mestrado). Faculdade de Arquitetura. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2019.

MACHADO, R. M.; MENEZES, R. A. **Gestão Emocional do Luto na Contemporaneidade.** Revista Ciências da Sociedade (RCS), Vol. 2, n. 3, (pag.65-94), Jan/Jun, 2018.

MOURA, C. M. **Uma avaliação da vivência do luto conforme o modo de morte.** (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília. Brasília-Distrito Federal, 2006.

MUNIZ, P. H. **O estudo da morte e suas representações socioculturais, simbólicas e espaciais.** Varia Scientia, [S. l.], v. 6, n. 12, (pag. 159–169), 2006.

NEGRINI, M. **A significação da morte: um olhar sobre a finitude humana.** jan/abr, n. 01.v. 27, (pag. 29 – 36). Santa Maria: Sociais e humanas, 2014.

NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Orgs.). **E por falar em boa velhice.** Campinas: Papirus, 2000.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 7ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2018.

PAPALIA, E.D.; FELDMAN, R.D. **Desenvolvimento Humano.** v. 12. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PEIXOTO, F.C. **Cantai Ao Senhor.** 4ª.ed.rev. (pag. 336). Vitória, 2014.

PEREIRA, S. M.; PIRES, E. F. **As experiências de perdas e luto na contemporaneidade: um estudo bibliográfico.** Revista Educação - UNG-Ser, 13(1), (pag. 200–217), 2018.

PERES, G.; LOPES, M.; PEREIRA, A. M. **Acompanhamento de pacientes internados e processos de humanização em hospitais gerais.** Psicol. Hosp., vol.10, n.1. ISSN 2175-3547.São Paulo (pag. 17-41), 2012.

QUINTANA, M. **Poesias**. 2ª.ed. Porto Alegre: Globo,1972.

RAMOS, V. A. B. **O processo de luto**. PSICOLOGIA.ISSN 1646-6977, 2016.

ROSENEY B.; CARVALHO EC. **O jogo existencial e a morte da ritualização**. Rev Latinoam Enferm.; 13(1): 99-104, 2005.

SANTOS, R. C. S.; YAMAMOTO, Y. M.; CUSTÓDIO, L. M. G. **Aspectos teóricos sobre o processo de luto e a vivência do luto antecipatório**. O portal dos psicólogos, 2017.

SILVA, S.; CARNEIRO, M.I.P.; ZAMDONADI, C. A. **O luto patológico e a atuação do psicólogo sob o enfoque da psicoterapia dinâmica breve**. Revista FAROL. v. 3, n. 3. (pag. 154-157), Rondônia: Rolim de Moura, 2017.

SIMÕES, L.**Casa Mortuária e Crematório Vila-Chã – Penajóia**. Porto: ESAP, 2021.

SOUZA, C. P.; SOUZA, A. M. **Rituais Fúnebres no Processo do Luto: significados e funções**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 35. (pag. 1-7), 2019.

SOUSA, L. E. E. M. **O processo de luto na abordagem gestáltica: contato e afastamento, destruição e assimilação**. Revista IGT na Rede, v. 13, nº 25. ISSN: 1807-2526. (pag. 253 – 272), 2016.

WRIGHT, H. M. **A Bíblia da mulher sabia harpa avivada e corinhos**. Casa Publicadora Paulista. Várzea Paulista- SP, 2016.

Página de assinaturas

Washington Silva
043.327.723-85
Signatário

William Gomes
035.216.042-09
Signatário

Ednilza Barros
841.059.092-15
Signatário

Juliana Santos
775.192.802-68
Signatário

Daniela S. Américo
Coordenação de Psicologia

Coordenação Psicologia
005.484.062-78
Signatário

Daniela Américo
005.484.062-78
Signatário

HISTÓRICO

- 12 jul 2023** 21:41:58 **Ednilza do Prado Silva Barros** criou este documento. (E-mail: ednilzadopradosilva@gmail.com, CPF: 841.059.092-15)
- 12 jul 2023** 21:41:59 **Ednilza do Prado Silva Barros** (E-mail: ednilzadopradosilva@gmail.com, CPF: 841.059.092-15) visualizou este documento por meio do IP 177.8.26.103 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 20 jul 2023** 14:31:39 **Ednilza do Prado Silva Barros** (E-mail: ednilzadopradosilva@gmail.com, CPF: 841.059.092-15) assinou este documento por meio do IP 177.8.26.144 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 31 ago 2023** 21:23:20 **Daniela S Américo** (E-mail: danielaamericoa@gmail.com, CPF: 005.484.062-78) visualizou este documento por meio do IP 170.239.200.62 localizado em Curionopolis - Para - Brazil



- 31 ago 2023**
21:24:19  **Daniela S Americo** (E-mail: danielaamericoa@gmail.com, CPF: 005.484.062-78) assinou este documento por meio do IP 170.239.200.62 localizado em Curionopolis - Para - Brazil
- 12 jul 2023**
21:42:29  **William Araujo Gomes** (E-mail: william.gomesaraujo@outlook.com, CPF: 035.216.042-09) visualizou este documento por meio do IP 138.255.22.231 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 19 jul 2023**
20:12:36  **William Araujo Gomes** (E-mail: william.gomesaraujo@outlook.com, CPF: 035.216.042-09) assinou este documento por meio do IP 179.84.215.61 localizado em São Luís - Maranhao - Brazil
- 13 jul 2023**
08:56:40  **Washington Moraes Silva** (E-mail: orthiim@gmail.com, CPF: 043.327.723-85) visualizou este documento por meio do IP 200.14.58.162 localizado em Paulo Ramos - Maranhao - Brazil
- 13 jul 2023**
08:56:47  **Washington Moraes Silva** (E-mail: orthiim@gmail.com, CPF: 043.327.723-85) assinou este documento por meio do IP 200.14.58.162 localizado em Paulo Ramos - Maranhao - Brazil
- 11 ago 2023**
12:02:45  **Coordenação de Psicologia** (E-mail: psicologia@fadesa.edu.br, CPF: 005.484.062-78) visualizou este documento por meio do IP 45.7.26.140 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 11 ago 2023**
12:02:50  **Coordenação de Psicologia** (E-mail: psicologia@fadesa.edu.br, CPF: 005.484.062-78) assinou este documento por meio do IP 45.7.26.140 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 20 jul 2023**
14:31:43  **Juliana Gomes dos Santos** (E-mail: julianagomessantos19@gmail.com, CPF: 775.192.802-68) visualizou este documento por meio do IP 201.65.118.249 localizado em Brazil
- 20 jul 2023**
14:32:00  **Juliana Gomes dos Santos** (E-mail: julianagomessantos19@gmail.com, CPF: 775.192.802-68) assinou este documento por meio do IP 201.65.118.249 localizado em Brazil

